

A Dimensão Koinonia na Missão Integral da Igreja

Jair Walter P. Ribeiro, Mestre em Missiologia
Professor de Ecclesiology e História do Cristianismo
Instituto Paracleto
jairwpr@gmail.com

Introdução

No meu livro *Missão da Igreja: dimensões e efeitos*, lembro que Lyle Schaller concluiu que crentes de grandes igrejas buscam performance do que relacionamentos. Eles querem programas de qualidade, atividades bem organizadas e liderança profissional. A Estrutura de uma grande igreja desmotiva o trabalho voluntário.

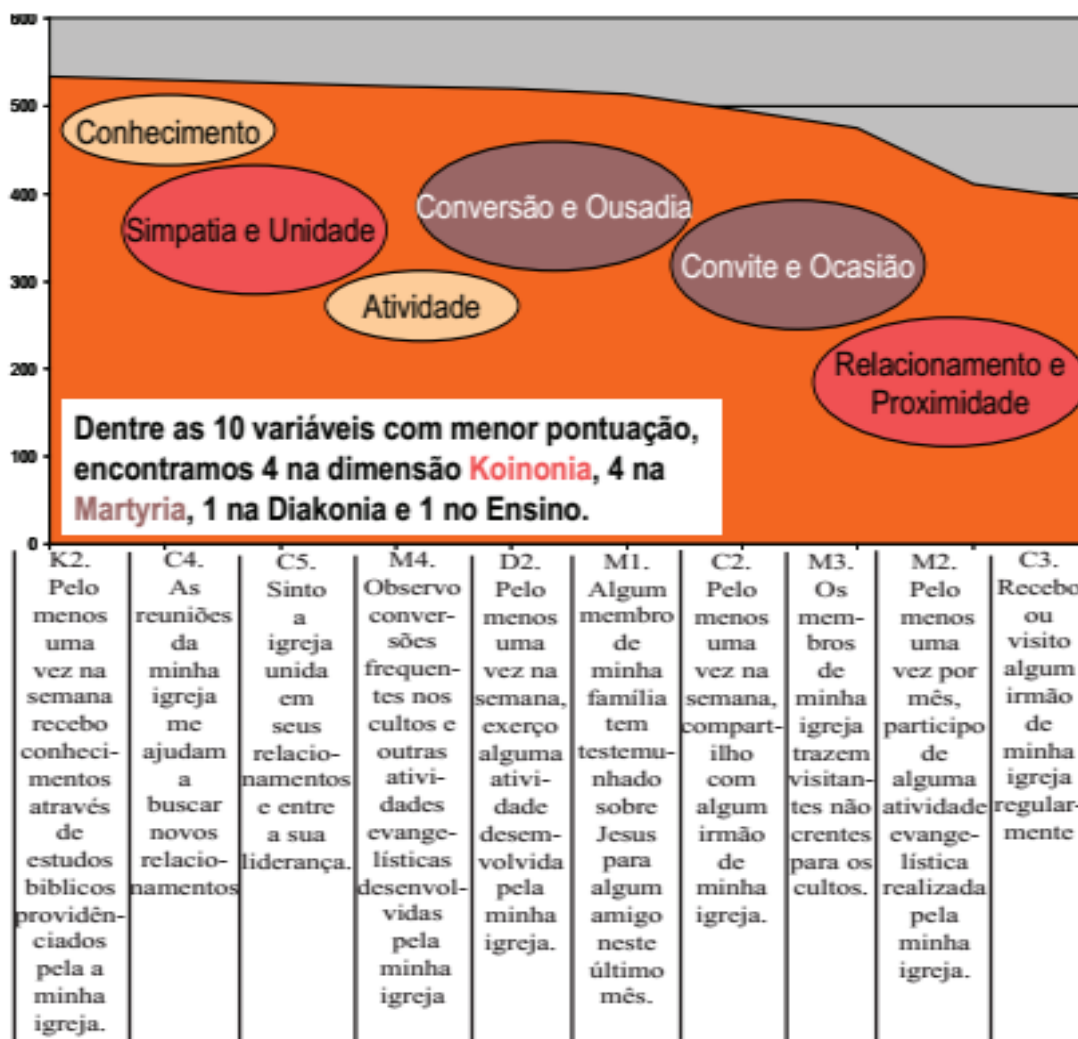
Para ele, a construção de relacionamentos é mais importante que pregação e outros aspectos ministeriais numa pequena igreja. Ele define: “uma grande igreja não é, simplesmente, uma pequena igreja com mais gente”. A avaliação regular da Missão Integral da igreja pode suas dimensões incluindo variáveis de relacionamento externo da igreja. O objetivo é não focalizar apenas a “qualidade” dos processos internos que possuem relação com o porte da igreja bem como do seu momento de movimento e crescimento.

Richard Baxter, ministro puritano na Inglaterra, escreveu em 1655, que as igrejas não deveriam crescer além da capacidade dos pastores e líderes de supervisionar o rebanho. A recomendação segue a pergunta: estamos gerando pastores e líderes capazes para atender à quantidade de novos convertidos? Parece que é uma pergunta-chave para uma igreja de porte médio responder se deseja realmente se tornar uma igreja grande.

Howard Snyder defende o valor dos pequenos grupos no mundo transmoderno. Sem eles, Ele acredita que os membros da igreja perderão “o verdadeiro, rico e profundo relacionamento cristão, ou koinonia”. Ele sugere que muitas igrejas precisam redescobrir o que a igreja do primeiro século conhecia: “Reuniões em grupos pequenos são essenciais para a experiência cristã e crescimento.

Estou convencido que a melhoria na dimensão koinonia no sentido externo (para fora da igreja) contribuirá para a extensão da dimensão martyria em todas as suas variáveis. Em nossa pesquisa, reconhecemos que a dimensão Koinonia apresentou 4 dentre as 10 menores notas dentro de um conjunto de 25 componentes das 5 Dimensões avaliadas.

AS 10 MENORES VARIÁÇÕES

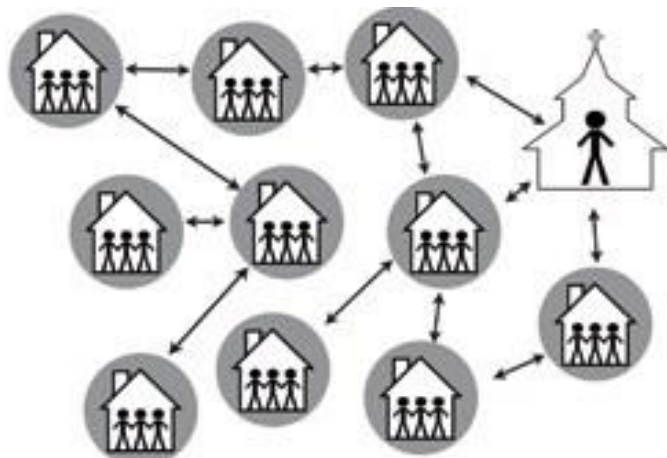


Definição

Atos 2:46b: “[...] e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração”; Atos 2:42b: “E perseveravam na comunhão, e no partir do pão, e nas orações”. 2 Coríntios 8:4: “pedindo-nos com muitos rogos a graça e a comunicação deste serviço, que se fazia para com os santos”. Filipenses 1:5: “pela vossa cooperação no evangelho desde o primeiro dia até agora”. Outros textos: Hebreus 10.24,25, João 13:34.

- É novo porque corresponde à relação do Filho com o Pai.
- Comunhão, por definição, implica relações interpessoais. Acontece quando os cristãos passam a conhecer um ao outro, ter prazer um no outro e a cuidar um do outro.
- Koinonia torna-se Koinonite quando se perde a finalidade para a qual a comunhão existe.
- Em Efésios 3.9, alguns manuscritos trazem koinonia e outros oikonomia (mordomia).

- Em suas cartas, Paulo usa esta mesma palavra, koinonía, para referir-se a uma oferta que estavam dando as igrejas. O adjetivo koinónico significa “generoso”.



Classificação

Millard Erickson, na sua obra Introdução à Teologia Sistemática lista as seguintes funções da igreja:

- Evangelização
- Edificação
- Adoração
- Preocupação social

Ele identifica a comunhão como meio de edificação bem como o ensino como parte do discipulado. A Missão apostólica se restringe apenas à atuação diante dos necessitados. Olhando para o lado exterior da missão da igreja, coloca que a missão pode ser resumida em três aspectos especiais: “como martyria (testemunho), diakonia (serviço) e koinonia (comunhão)”.

“O testemunho é a missão central da igreja em todas as situações”. Este testemunho inclui o testemunho referente à pessoa e obra de Cristo, como também os demais aspectos da aplicação da mensagem de Cristo no âmbito completo do Seu ministério. Este testemunho é logo aplicado em parte através do serviço cristão como também no contexto da comunhão cristã. O enfoque triplo da missão é unificado em torno do primeiro aspecto de oferecer testemunho a Cristo, incluindo nesta definição todo o processo de discipular o ouvinte.

Comunhão e proclamação

Na pesquisa que realizamos em dezenas de igrejas na cidade do Rio de Janeiro, os próprios membros avaliaram as 5 dimensões da missão da igreja. A dimensão koinonia apresentou o menor valor em todas as congregações, independentemente do tamanho ou grupo religioso. Em 2009, já identificávamos que a implantação de reuniões em grupos pequenos poderia melhorar essa dimensão, embora, os grandes grupos forneçam comunhão.

Ray Stedman destaca que a igreja primitiva confiava assim num testemunho duplo, como um meio de alcançar e imprimir sobre um mundo

cínico e descrente o *kerygma* (proclamação) e a *koinonia* (comunhão). Foi a combinação desses dois elementos que tornou seu testemunho tão poderoso e eficiente. "Pelo depoimento de duas ou três testemunhas se estabeleça toda palavra." Os pagãos poderiam desfazer facilmente a proclamação, como simplesmente mais uma "doutrina" entre muitas; mas eles viram que é muito mais difícil rejeitar a evidência da *koinonia*. O interesse dos cristãos um pelo outro e sua evidente consciência de estarem compartilhando a vida na mesma grande família de Deus como irmãos e irmãs deixavam o mundo pagão se lambendo de inveja. Foi isso que levou à observação muito citada de um escritor pagão: "Como se amam mutuamente esses cristãos!"



Família e comunhão

Tenho afirmado que as duas principais dimensões que seguram o crente numa igreja são a *koinonia* e a *diakonia*. Primeiro, o crente precisa de relacionamentos edificantes e verdadeiros. Eles serão base para o cuidado e desenvolvimento de sua família. Em segundo lugar, o crente necessitará ser útil e valorizado através de seu serviço. A igreja deve assessorar o crente para descobrir seu dom espiritual, sua vocação ministerial.

A questão unidade é um dos pontos chave para a obtenção de um crescimento integral. Sem unidade não pode haver crescimento, pois unidade está ligado não somente a intimidade e comunhão, mas especialmente à convergência e busca de um propósito único. Sem unidade o alcance pleno do propósito ou alvo estabelecido pela igreja fica prejudicado, de forma que todo planejamento acaba vindo por terra.

A Igreja Primitiva, por exemplo, é um referencial de crescimento e desenvolvimento. Deus acrescentava dia após dia aqueles que seriam salvos. Todavia, boa parte deste crescimento devia-se ao alto grau de comprometimento, comunhão e amor entre os irmãos que a formavam. Devemos tê-la como um exemplo a ser seguindo ainda em nossos dias,

unindo-nos mutuamente para pregar e propagar o amor e as boas novas de Cristo.

Stark defende a tese que as pessoas estão mais dispostas a adotar uma religião à medida que esta mantém uma continuidade cultural em relação à religião tradicional com a qual já estavam familiarizados. Ele conclui que os movimentos sociais recrutam primeiramente com base em vínculos interpessoais que existem ou se formam entre o convertido e os membros do grupo. Isso explicaria o elevado número de prosélitos judeus que migraram para o cristianismo. Isso pode explicar a migração contínua do catolicismo para as igrejas evangélicas, na América Latina, como foi o meu caso.

A família tem sido alvo de ataques frequentes, especialmente em modismos lançados por telenovelas. O brasileiro é um povo contador de histórias. Aguinaldo Silva, autor da novela “Senhora do Destino” respondeu sobre seu critério para medir se determinada iria chocar seus 60 milhões de telespectadores: “Alguns pentecostais trabalham na minha casa e sei que todos eles assistem a novela. Eu me pergunto: ‘Como eles vão me olhar amanhã?’ Fiquei preocupado com a cena em que a Nazaré lavava privadas na delegacia. No dia seguinte, estava no escritório quando uma delas me cumprimentou com uma risadinha e foi embora. Logo pensei: ‘Ah, que bom, ela gostou’.

Redes sociais e comunhão

De acordo com a pesquisa de Robert Wuthnow, “... exatamente 40% da população adulta dos EUA relata estar envolvida em um pequeno grupo que se reúne regularmente e provê algum tipo de assistência aos seus participantes.”. Muitos desses grupos têm afiliação religiosa, mas muitos outros não.

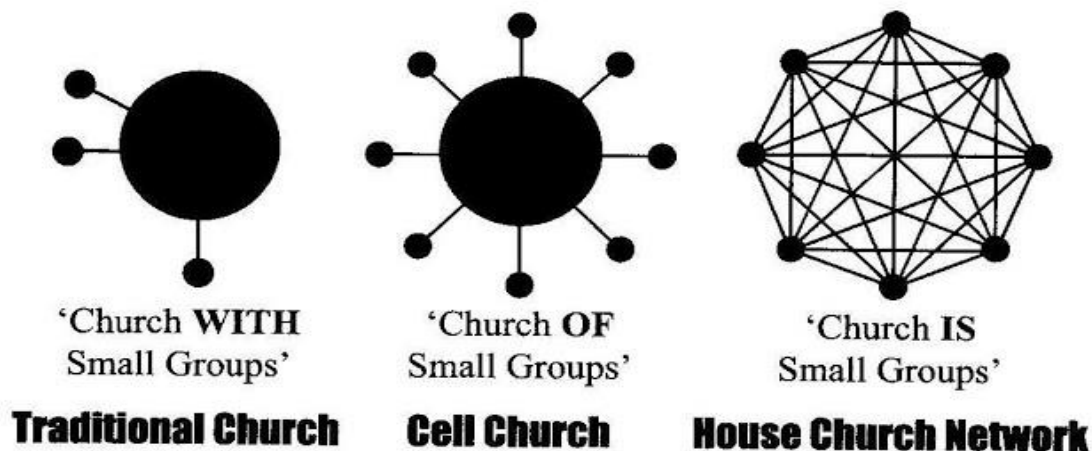
Uma Rede social consiste de uma série de atores (nós) e relações (ligações) entre esses atores. Os nós podem ser pessoas, grupos e organizações. Pesquisadores sociais identificam diferenças entre ligações fortes (famílias e amigos) e ligações fracas (colegas e conhecidos).

Robert Putnam conceitua capital social como um conjunto de associações horizontais entre pessoas que consiste em redes sociais imbuídas de normas com efeito na produtividade de uma comunidade. O capital social organizacional, por ser desenvolvido em redes sociais, possui natureza complexa e de difícil reprodução, constituindo-se em fonte de vantagem competitiva.

As redes sociais, lócus do capital social, para serem formadas, dependem de conexões. Alguns parâmetros quantitativos têm especial importância para identificar a estrutura de uma rede social. A densidade descreve o nível geral de interações apresentadas pelos membros de uma rede, sendo associada ao número médio de conexões por membro do grupo. A centralização reflete a concentração de conexões em um número reduzido de indivíduos, em contraposição a uma distribuição mais igualitária, estando associada à variância do número de conexões por indivíduo.

O consenso necessário para construção da rede social apresenta três dimensões: grau, escopo e conteúdo. O grau representa o quanto as pessoas concordam entre si, o escopo diz respeito a quem participa do consenso, e o conteúdo se refere ao objeto do consenso. O modelo desenvolvido neste artigo não contempla, em sua análise, o grau do consenso, restringindo o escopo a

situações em que as pessoas não têm conhecimento mútuo prévio antes de iniciarem um processo de interação, e o conteúdo a dois constructos, aqui considerados como “parâmetros do modelo”: valores e competências.



Comunhão e assimilação

Pesquisas indicam que 3/4 dos crentes se tornam inativos porque não desenvolvem o senso de pertencer a igreja. Poucas igrejas conseguem obter 20 a 25% de retenção de novos convertidos.

Assimilar significa “tornar similar”. John Wesley ensinava que os novos crentes deveriam se envolver por três meses em um grupo pequeno para aprender os princípios da fé e do discipulado. Quando uma igreja não está crescendo, é porque seus membros não estão convidando. Estima-se que uma igreja precisa, regularmente, de 4 a 5% de visitantes por culto para que ocorra crescimento consistente.

Assimilar alguém dentro da vida da igreja é diferente de ajudá-los a se tornar um membro. Alguns escritores usam a palavra incorporação.

David Durey pesquisou 15 igrejas em Portland (EUA) e confirmou que 70% dos entrevistados foram atraídos e motivados a ficar numa igreja pelas mesmas razões: convite pessoal de amigos ou familiares.

Comunhão e congregação

Recentemente, li o livro *Por que você não quer mais ir à igreja?* de Jacobsen e Coleman que trata de uma história do encontro de um pastor exausto com quem considera ser o apóstolo João. Ele relata o argumento do fictício apóstolo: “A proposta de Jesus não é... reunir uma multidão de féis e construir novos templos”. A proposta do livro parece ser o retorno ao primeiro amor e à essência de ser um discípulo de Cristo. Mas o argumento citado pode pretender frear o crescimento da igreja.

O ensino religioso é alvo de críticas. Os autores citam uma pesquisa em que “... 90% das crianças que frequentaram escola bíblica abandonam a congregação quando saem da casa dos pais.” Faltou dizer se abandonaram a fé ou mudaram de igreja após o casamento. Há uma crítica à memorização de versos bíblicos.

Oferecem o seguinte argumento: “... a Bíblia fala de líderes que prestam contas pelas vidas que afetam. Toda a responsabilidade nas Escrituras tem a

ver com Deus, não com outros irmãos e irmãs. ” Este ensino se propõe a quebrar o peso do pastoreio de líderes e crentes, questionando toda prestação de contas... A vida da fé já é um esforço suficiente num mundo destruído. “Não vamos complicar mais as coisas para outros féis...”. O tema do livro se reforça na busca pela liberdade da fé individual em relação às estruturas e líderes. “É a velha ideia de que é possível ser cristão sem ir à igreja, sem relacionar-se com os irmãos e sem submeter-se à liderança local.”.

Os autores alertam: “... O sistema inteiro se baseia num anzol. Chegamos a usar conceitos como ‘unidade doutrinária’ para controlar as pessoas e impedir qualquer possibilidade de discórdia. Ao comentar sobre igrejas em casas: ... mudar o encontro para uma casa não irá atender suas expectativas... A institucionalização gera amizades baseadas em tarefas. Enquanto partilhamos as tarefas, podemos ser amigos. Quando não, as pessoas tendem a tratar o outro como mercadoria danificada...”.

Em certo ponto do diálogo, o protagonista Jake exclama: “Isso sempre acontece nas igrejas institucionais...”. Um dos membros da célula observa: “Nós todos desperdiçamos muitos anos na igreja institucionalizada e não encontramos a vida de Deus que desejávamos.”. O fictício apóstolo João aconselha: “Só há uma coisa que eu diria que devemos fazer: é acabar com essa história de ficar falando “devemos” para nós mesmos e para os outros.”. João propõe: “... Em vez de se empenharem em construir uma igreja em casa, aprendam a se amar e a partilhar a jornada uns com os outros... Jake chega à conclusão de que não há relação entre o êxito do seu trabalho na igreja e o crescimento da relação com Deus...”.

Os autores parecem propor uma espécie de “igreja no caminho”, oportuna para quem não quer assumir compromissos com igrejas e pessoas. Pode ser que muitas pessoas não queiram ir mais à igreja depois de ler esse livro. Pode ser que muitas pessoas se sintam gratas por nunca terem ido à igreja. Não sabem o que estão perdendo.